



A hora certa da saída

J.F. Editalo FM P 10/11/2011

Roberta Sampaio

Aos 8 anos, Filomena já passou por cinco colégios. Começou numa pré-escola, trocada por outra com curso primário. Um ano depois, foi para uma unidade da rede pública, mais perto da sua casa. Quando seus pais precisaram morar em Ubatuba, ela foi para uma escola do litoral. No segundo semestre, de volta à Capital, foi matriculada em um novo colégio.

"Mudamos por necessidade, não por vontade de experimentar", justifica a mãe, Márcia Moirah. Filomena, filha de músico e atriz, assimilou bem as transferências. E até sentiu-se segura para opinar: "As melhores escolas foram a primeira e a atual." Satisfeita com o Colégio Waldorf Micael, a família não planeja mudar tão cedo. Felizmente, a escola vai até o segundo grau.

Para a diretora da Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da USP, Izabel Galvão, trocas podem até ampliar o universo do estudante: "É muito limitador ficar na mesma escola a vida toda." Os melhores momentos para mudar são os primeiros anos dos ensinos fundamental e médio. "Isso mostra que há uma passagem e que o aluno será visto de outra forma."

Mas mudanças sem critérios e de forma desenfreada podem marcar negativamente o aluno. Os menores, principalmente, costumam sofrer quando abandonam o ambiente conhecido e quando enfrentam o novo. Mesmo acostumada a quebras na rotina, a estudante Filomena reconhece a dificuldade: "Nunca sabemos o que vamos encontrar na escola nova."

IDENTIDADE – Segundo a psicóloga Tânia Aiello, é aconselhável haver afinidade entre o que é desenvolvido no colégio e o que é passado em casa. "Cada escola é boa para um perfil de família." Os pais de Filomena, ambos artistas, procuraram uma linha alternativa de ensino. "A Micael está de acordo com nosso jeito de pensar a vida pois trabalha o lado formal e também a sensibilidade", declara a mãe.

Na prática, vários fatores podem fazer com que as escolhas durem pouco tempo. Seja falta de dinheiro, mudança de endereço, problemas no convívio com os colegas ou insatisfação com o método de ensino. Quando é inevitável, o melhor a fazer é preparar bem a criança para enfrentar a situação, explicando-lhe as razões, segundo seu grau de entendimento.

Um recurso útil é pegar o telefone dos colegas mais próximos, para que ela não perca totalmente o contato. E narrar processos semelhantes de mudanças, vividos pelos pais ou conhecidos. "Qualquer experiência, boa ou má, pode ser útil para o crescimento emocional da criança", destaca a psicóloga. Para isso, é essencial ter calma e equilíbrio para entender os filhos.

O processo é facilitado quando o próprio aluno deseja a mudança. Mas quando isso não ocorre, os pais têm de compreender seu sofrimento. Além disso, devem deixar de lado suas experiências pessoais, para que não confundam o que deve ser feito naquela situação específica como o que gostariam que seus pais tivessem feito quando eram crianças.

DIFERENÇAS – Outro ponto importante é entender que cada criança tem uma personalidade. Uma pode adaptar-se ao novo ambiente na primeira semana e outra demorar meses. "De-

Não é fácil deixar de lado amigos, professores e uma metodologia conhecida para desbravar um novo espaço. Mas, muitas vezes, a troca de escola torna-se necessária e só resta administrá-la da forma mais equilibrada possível



Filomena, com os pais Márcia e Toninho: trocas de escola por força das circunstâncias

ve-se respeitar o limite de cada uma", afirma Tânia. O equilíbrio está em não supervalorizar uma dificuldade que não existe, nem menosprezar um sofrimento real. "Elas não são faltas de cristal nem de borracha", acrescenta.

Esse controle torna-se difícil se os pais sentem-se culpados, o que geralmente ocorre se a mudança for por questões econômicas. Nesses casos, contudo, a troca pode representar uma lição de vida para o filho. "É necessário que saiba se adaptar a restrições, e aprenda que um colégio bonitinho nem sempre é melhor", acredita Tânia. O novo ambiente pode até favorecer seu desenvolvimento social já que, quando não faz parte da classe econômica da maioria, ele costuma se sentir excluído.

A psicóloga ressalta que a educação deve ser o último item a sofrer cortes no orçamento doméstico. É um mau ensinamento transferir o filho para uma escola mais barata mas manter gastos supérfluos. "Ele percebe quando a mãe continua gastando com roupas caras e saídas de beleza, e conclui que a educação não é importante", adverte.

Mais arriscado é quando o mudam para um colégio pouco exigente para que consiga passar de ano. Isso pode abalar sua autoconfiança na hora de enfrentar desafios. "Quando eles falam que a escola é fraca, já estão depreciando o lugar", aponta a psicóloga. Se for do tipo "pagou-passou", a questão já entra no campo ético. "Estarão mostrando que, com dinheiro, se resolve tudo, o que pode ser muito nocivo à educação."

culpa da escola

Há casos em que a mudança é aconselhada pelos próprios educadores. Isso se dá, principalmente, quando o aluno não tem um bom rendimento, mesmo que leve a sério os estudos. "Existem colégios sem flexibilidade, e só um determinado perfil consegue se adaptar a eles", afirma a educadora Izabel Galvão. Assim, a troca pode ser um meio do estudante responder de forma satisfatória a outra situação de ensino.

Foi o que ocorreu com Gisele Maciel, de 16 anos. Há três anos, ela deixou um colégio, onde estudava desde pequena, quando foi prejudicada pela "linha dura" dos professores. A gota d'água foi sua reprovação na sexta série, depois de um trabalho de grupo avaliado de forma duvidosa. Márcia testemunhou o empenho da filha e de uma colega na preparação de uma tarefa para a

feira de ciências. Chegou a acompanhá-las numa pesquisa na USP. Como outras do grupo não se envolveram no estudo, o professor resolveu dar notas diferenciadas. Mas, inexplicavelmente, Gisele foi uma das penalizadas.

REPROVAÇÃO – Não houve diálogo com o colégio, principalmente, porque o resultado foi divulgado na sexta e as aulas de recuperação começaram na segunda-feira. Com a reprovação no trabalho, Gisele ficou com quatro disciplinas abaixo da média, e, pelas regras do colégio, repetiu de ano. "Foi traumatizante", diz a mãe, que acatou a decisão, mas a tirou da escola.

Mudança radical: Gisele saiu de uma grande e tradicional para uma menor e mais moderna. "Demorei umas duas semanas para me adaptar", con-

ta. A mãe ficou muito satisfeita, principalmente, porque a filha melhorou muito o rendimento. Além disso, agora, recebe uma atenção mais individualizada. "Eles são mais carinhosos", diz. Mesmo assim, ainda mantém outra filha no colégio anterior. "A mais velha gosta de sofrer", brinca.

Há situações, porém, em que a troca é pedida pelo aluno. Nesses casos, a educadora Izabel aconselha que os pais observem com atenção a queixa do filho e investiguem a dimensão do problema. E analisem se há razões suficientes para mudá-lo.

"Algumas vezes, a dificuldade deve ser vencida por ele", alerta. Ou seja, assim como o estudante não deve ser massacrado por normas muito duras, também não pode fugir de responsabilidades básicas no estudo.



Márcia mudou a filha Gisele para um colégio mais adequado ao seu perfil